

ASAS ABERTAS

DA AMÉRICA LATINA



SEJAMOS UMA SÓ VOZ

07/2023

REVISTA

LITERÁRIA

"Asas abertas da América Latina" ✨



De Angel'Sword Ediciones

"Asas abertas de América Latina" é uma revista digital de distribuição gratuita promovida por nós (**Angel'Sword Ediciones**), para incentivar a promoção e a difusão de autores latino-americanos já publicados.

"Futur@s autor@s publicad@s" é um espaço designado dentro da revista para escritores com grande potencial que ainda não publicaram seu primeiro livro literário.

Ángel G.: Fernández
Diretor de Projetos



WWW.ANGELSWORDEDICIONES.COM

TEL (+54) 9 11 7369-2181

EMAIL INFO@ANGELSWORDEDICIONES.COM

ENDEREÇO FORMOSA 578, CABA, ARGENTINA

INSTAGRAM @ANGELSWORDEDICIONES



ÍNDICE

01. A Amazônia

Mario Spin
Equador

05

02. Além de vingança e perdão

Paloma Bahamón
Colômbia

14

03. Início da gastronomia europeia/americana

Norberto Torres
Argentina

18

04. Sua dignidade vale muito - Prefácio

Ada K. Soler
Rep. Dominicana

21

05. O espírito de Arabela

Maximiliano Gómez
Argentina

25

EVENTOS LITERÁRIOS

Próximos eventos
literários na LATAM

39

VOCÊ É APAIXONADO POR LITERATURA LATINO-AMERICANA INDEPENDENTE?

Convidamos você a ler os diferentes autores que se juntaram à nossa revista e nos ajudam a espalhar a palavra sobre eles.



Você está interessado em aderir à proposta?

- Envie-nos para **info@angelswordediciones.com**, **ASSUNTO: CONVOCATORIA REVISTA**, o seguinte:
 - Texto a ser publicado em arquivo .doc (livre de gênero e direitos, não mais que 1.000 palavras)
 - Foto (1080x1080p) e breve biografia.
 - Detalhes dos livros publicados e onde comprá-los.

01. A Amazônia

por Mario Spin



A Amazônia, essa exuberante floresta tropical que abrange vários países sul-americanos, como o Brasil, Bolívia, Peru, Equador, Colômbia, Venezuela, Guiana, Suriname e Guiana Francesa, é um enigma repleto de mistérios e lendas que despertam a fascinação tanto de curiosos quanto de aventureiros. Entre todas essas lendas, uma em particular se destacava: a existência de uma fonte de água subterrânea que concedia a juventude eterna. Beber dela significava não envelhecer, não adoecer e curar rapidamente qualquer ferida ou lesão. Era uma espécie de caminho indireto para a imortalidade.

Em 1950, um jovem europeu ouviu esse relato e ficou encantado com a ideia. Apesar de parecer fantasioso, ele não conseguiu resistir ao desafio de encontrar tal fonte singular. Vindo de uma família acomodada, nunca havia experimentado privações ou necessidades, então tinha tempo e recursos para se lançar nessa emocionante aventura. Reuniu uma pequena tripulação e embarcaram em uma busca que duraria um ano, em busca do tesouro mais cobiçado.

Já em terras sul-americanas, conheceram os locais, que se juntaram à sua equipe e se tornaram valiosos

colaboradores. Não apenas conheciam a região como ninguém, mas também serviam de ligação entre os europeus e os habitantes locais. Juntos, percorreram toda a Amazônia, desde a Guiana até o Brasil, seguindo todas as pistas possíveis: desde antigas lendas e mapas ancestrais até escritos históricos e o conselho de especialistas. Chegaram até a encontrar um idoso senil, que afirmava ter descoberto a fonte em sua juventude, mas que um pássaro misterioso havia roubado suas memórias para proteger o segredo.

Entretanto, apesar de seus esforços e determinação, a autêntica fonte da juventude eterna sempre parecia escapar deles. Os poços escavados em diferentes lugares só continham água comum, e apesar de terem encontrado outros tesouros e relíquias durante sua jornada, a cobiçada fonte continuava esquiva. A tripulação começou a se contentar com suas descobertas, mas o jovem europeu continuou frustrado por não alcançar seu tão desejado objetivo.

Quando o contrato estava prestes a expirar, a tripulação decidiu desistir de sua busca, aceitando a realidade de que talvez a lenda fosse apenas isso, uma lenda. O jovem europeu, a contragosto,

também aceitou a derrota. Decidiu relaxar e aproveitar os últimos dias na selva brasileira, libertando-se das tensões e preocupações terrenas que o haviam atormentado durante a busca.

Foi assim que ele se encontrou nadando sozinho em um rio, deliciando-se com a tranquilidade que apenas a Amazônia poderia oferecer. Pela primeira vez, ele parou seu ritmo frenético e contemplou a paisagem impressionante ao seu redor. A paz que sempre ansiara na Europa, finalmente encontrou na misteriosa selva. Enquanto secava na margem do rio, ele observou um beija-flor voando perto de algumas flores, e uma estranha sensação de déjà vu o invadiu. Parecia ter visto aquele pequeno ser antes, como se a própria natureza estivesse enviando uma mensagem codificada.

A cabeça começou a doer ao lembrar, e, de fato, as memórias chegaram. Em cada país visitado, pelo menos uma vez, ele tinha cruzado com um beija-flor idêntico. Ele estava tão concentrado e preocupado que não tinha notado. Como essa ideia lhe parecia uma loucura, o jovem começou a rir de si mesmo e brincou enquanto falava com o pássaro de longe.

—Você está me seguindo? - perguntou em tom jocoso e soltou uma gargalhada.

Antes que terminasse de rir, uma voz sussurrou: - Sim, eu

estive te vigiando.

Isso o deixou atordoado, sua pele se arrepiou. Olhou ao redor, esperando ver alguém de sua tripulação fazendo uma brincadeira, mas estava sozinho, ou pelo menos parecia estar.

—Quem disse isso?

—Fui eu - respondeu a voz.

Ele inspecionou novamente o ambiente, esperando ver quem quer que fosse, mas só estava ele... ele e aquele beija-flor. Ficou paralisado, e mais ainda quando o pássaro começou a voar em sua direção. Nem sequer conseguiu se mover. Contemplou como aquele animal pousou na margem do rio e, aos poucos, através de um brilho cegante, sua forma foi se transformando em uma mulher indígena, vestida com penas exóticas.

Seus olhos não acreditavam no que contemplavam. No começo, ele pensou que fosse uma alucinação. Teria comido algo incomum durante o almoço? Os indígenas teriam lhe dado ayahuasca por engano? Ou talvez as flores próximas estivessem soltando um pó atordoante? Sua mente divagava, tentando encontrar a resposta mais simples para sua situação. No entanto, tudo parecia tão real. Articulando palavras, ele questionou timidamente:

—Como é possível que você me entenda? Como fala minha língua?

Falo milhares de línguas, de civilizações que nem sequer existem mais. E até me comunico com o menor dos seres que habita esta selva, por que não entenderia você?

—O que você é? Como se chama?

A mulher respondeu: - Alguma vez tive um nome. Foi há tanto tempo que nem mesmo consigo lembrá-lo... Também não me lembro de nada sobre minha vida anterior, antes de ser quem sou agora.

—E quem é você agora?

—Os locais me chamaram de "A deidade da Amazônia"... Meu dever é proteger tudo isso. E é por isso que estive te vigiando. Sei o que você veio fazer, o que está procurando.

—Eu queria saber se era verdade... sobre essa fonte - explicou-se, temeroso.

—Não, não é verdade. Não existe tal "fonte da juventude". No entanto, toda água subterrânea ou superficial é sagrada e sinônimo de vida. Sem ela, a Amazônia secaria.

—Então fiz essa viagem em vão.

O jovem se sentiu desanimado por tanto esforço e dinheiro desperdiçado. Ele havia investido grande parte de sua herança nesse projeto, em busca de uma fantasia.

A Deidade o olhou com compaixão e lhe confessou:

— Na verdade, existe sim uma maneira de obter a juventude eterna, mas não é bebendo um líquido mágico. E o custo para isso é muito alto. Se você estiver interessado, posso lhe propor algo.

O europeu respondeu entusiasmado: — Sim, sim, me diga.

— Bem, eu direi... Uma vez que saiba a proposta, terá duas opções. Aceitar o acordo e viver eternamente com as consequências, ou recusar, caso em que terei que apagar sua memória; caso contrário, você morrerá em pouco tempo, pois o segredo não deve ser divulgado.

— Entendo. E qual seria a proposta?

A Deidade contou a ele que a "vida eterna" era um dom especial que ela possuía para proteger a Amazônia de forma perene. Ela o recebeu de um ancestral, que por sua vez o herdou de alguém anterior. Ela poderia transferir esse poder para ele, desde que ele se tornasse a nova Deidade.

— Você não envelhecerá. Não adoecerá. Não sentirá fome ou sede. Nem conceberá filhos. Ninguém poderá feri-lo ou matá-lo. Você também não poderá se suicidar. Viverá eternamente jovem... mas como guardião da Amazônia. Esse dom será seu segredo, pois, caso contrário, condenará à morte prematura qualquer pessoa a quem o confesse.

O jovem pediu algumas horas para pensar. Ela lhe deu até o entardecer. E assim aconteceu. O jovem meditou durante a tarde, avaliando se lhe convinha ou não aceitar a oferta. Ao chegar o momento, ele voltou ao mesmo local de encontro, às margens do rio. O beija-flor o estava esperando, e novamente assumiu sua forma humana, ansiosa por sua resposta.

— Aceito — disse sem hesitar.

— Você está ciente de tudo que isso implica? A responsabilidade do cargo? O preço da juventude eterna? Você sabe que nunca poderá renunciar ao seu dom, até encontrar alguém disposto a substituí-lo por vontade própria, e não por engano?

— Sim, entendo tudo. E aceito.

Diante disso, a indígena se aproximou do europeu, pegou-o pelo pescoço e sussurrou algo em uma língua antiga. Da boca da mulher saiu uma espécie de alento azulado, que envolveu o jovem. Foi uma experiência sobrenatural e surreal, como se o conhecimento ancestral acumulado durante milhares de anos lhe fosse transferido. E antes que ele pudesse entender o que estava acontecendo, perdeu a consciência.

À noite, ele foi encontrado por sua tripulação, desmaiado na margem. Quando o acordaram, não havia vestígio da Deidade anterior, exceto algumas penas

soltas na areia. Ele não estava certo se o evento tinha sido autêntico ou algum tipo de sonho lúcido. Eles retornaram ao acampamento, onde ele não falou com ninguém sobre o ocorrido. Na madrugada, estando sozinho em sua cabine, ele fez um teste. Pegou uma faca e fez um corte leve em um dedo. Para sua surpresa, não só não sangrou, como a ferida se fechou quase instantaneamente. Ele sorriu maliciosamente diante de suas novas habilidades. Então, ele precisava decidir: voltar para a Europa com sua tripulação ou cumprir seu papel como Deidade. E ele tomou a decisão mais egoísta: retornou ao seu continente, abandonando seu posto de guardião.

De volta à Europa, ele começou a viajar por todo o continente. Ele ainda tinha dinheiro suficiente para se dar esse luxo. Também visitou alguns países da Ásia e África. Ele o fez sem nenhum remorso, depois de não cumprir sua parte do acordo.

Entre tantas aventuras, ele conheceu uma viajante sul-americana chamada Michelle. Ela era uma jovem órfã, solitária e amante da liberdade tanto quanto ele. Além disso, ele ficou cativado por sua beleza e personalidade, e com o tempo eles se apaixonaram. Eles viajaram juntos por mais países e depois voltaram à Europa, onde compraram uma pequena casa.

Enquanto isso, na Amazônia, a situação se deteriorava. As

árvores gradualmente perdiam suas cores. Os rios começaram a secar. Os animais emigravam para novos lugares sem explicação e outros pereciam. Também foi registrado um recorde de incêndios florestais sem precedentes. O mundo estava preocupado com a situação da floresta, com notícias sobre isso na televisão, jornais e boca a boca entre as pessoas. Mas o europeu fingia não estar ciente para evitar sentir culpa. Sua ambição e egoísmo o dominavam.

Os anos se passaram, vinte e cinco para ser exato, e o casal teve altos e baixos ao longo de seu casamento. As primeiras discussões surgiram quando Michelle não conseguia engravidar. Ela chegou a acreditar que era infértil, o que a preocupava. A realidade era que seu marido não podia conceber, por causa de seu dom. E era proibido confessar isso.

O assunto ficou mais obscuro à medida que ela envelhecia normalmente e ele, em contrapartida, permanecia o mesmo. Para disfarçar, ele deixou crescer o cabelo e a barba, tentando parecer velho. No entanto, depois de vinte e cinco anos, era inevitável notar que o marido ainda era jovem. Muitas pessoas até pensavam que ele era o filho da mulher. Michelle o questionava diariamente, queria uma explicação. As discussões a respeito eram fortes, pois ela pressentia que ele escondia algo dela. Mas o homem estava condenado ao silêncio.

Numa tarde, ao voltar do trabalho, eles discutiram pela enésima vez no terraço de sua casa. O clímax do confronto verbal atingiu um ponto tal que Michelle ameaçou se jogar dali. Diante dessa situação, o homem ficou assustado e decidiu confessar.

—Eu tenho um dom!... Um que me concede juventude eterna - disse desesperado.

—O quê?

—É um acordo que fiz com uma Deidade em minha viagem pela Amazônia. Eu tenho proibido falar sobre isso - explicou o jovem enquanto se aproximava lentamente.

Michelle estava desconcertada, não entendia nada. Ela pensou que seu marido estava delirando ou mentindo para ela, pois suas palavras pareciam absurdas.

—Que loucura você está falando? Pare de mentir para mim!

—Eu juro que é verdade, Michelle - ele tentava acalmá-la, aproximando-se com suavidade. Mas a mulher não podia acreditar nele. Ao perceber que o homem estava tentando alcançá-la, Michelle deu alguns passos para trás e escorregou. Ela caiu do telhado de sua casa, para o horror de seu marido.

Felizmente, a casa não era alta e ela sobreviveu ao impacto. No entanto, o golpe na cabeça foi forte o suficiente para deixá-la inconsciente. Ele a

levantou com cuidado e a levou para a cama. Ele limpou o ferimento e esperou que ela acordasse. As horas passaram e ela permanecia desacordada, confirmando a tragédia: Michelle estava em coma.

Diante dessa situação, o homem compreendeu: ao confessar seu segredo, Michelle estava destinada a morrer. Para que lhe serviria a eternidade se ele não pudesse estar com o amor de sua vida? E se, depois de ficar viúvo, ele se casasse novamente com outra mulher, o ciclo se repetiria. Ele não poderia ter filhos e eventualmente sua nova esposa envelheceria e morreria, enquanto ele permaneceria jovem. Quantas vezes ele estaria disposto a suportar o mesmo drama? Isso se repetiria pelo resto da eternidade?

Pela primeira vez, ele entendeu o que a Deidade anterior quis advertir com "o preço da juventude eterna". Todas as pessoas ao seu redor eventualmente morreriam de velhice, e ele ficaria sozinho. E embora conhecesse novas pessoas, ele teria que viver essa situação repetidamente, com cada uma delas.

Então ele tomou uma decisão tão difícil quanto necessária. À noite, ele se aproximou do ouvido dela. Mesmo que ela estivesse dormindo, ele tinha a ilusão de que ela o ouviria. Ele pediu perdão por esconder seu segredo. Disse o quanto a amava e agradeceu por sua companhia. E com tristeza, ele

sussurrou um feitiço em uma língua antiga. Ele nunca recebeu instruções prévias, no entanto, tinha o conhecimento das Deidades anteriores gravado em seu subconsciente. Depois de concluir o ritual, ele lhe deu um último beijo na testa.

Na madrugada, ele procurou cada foto e objeto que compartilharam e os queimou no pátio. Uma fumaça gigantesca se ergueu da fogueira, tão escura e densa quanto a dor que o homem sentia. Em poucos minutos, todo vestígio da vida juntos foi reduzido a cinzas.

No dia seguinte, Michelle acordou, a salvo de qualquer perigo. Ela estava confusa e completamente atordoada, pois havia esquecido todos os seus últimos vinte e cinco anos de memórias. O europeu a observou de longe nos primeiros dias, para ter certeza de que ela estava bem. Agora ela era uma mulher com metade da vida apagada. Apesar disso, essa situação era melhor do que condená-la a uma morte trágica.

Aos poucos, ela se adaptou à sua nova realidade, com a estranha sensação de ter esquecido coisas importantes. Ela ia ao médico e ao psicólogo rotineiramente, tentando encontrar uma explicação para sua amnésia. Ela nunca conseguiu uma resposta clara, apenas hipóteses. Infelizmente, ela era uma senhora idosa, solitária e reservada, sem amigos para confortá-la. No

entanto, o europeu não podia fazer nada. O dano era irreparável e ele sabia que precisava se afastar. Uma vez que teve certeza de que Michelle sobreviveria por conta própria, ele comprou uma passagem para a América do Sul e voltou ao lugar de onde nunca deveria ter saído: a Amazônia.

Nessa época, em 1980, a Amazônia não era mais uma floresta tropical, mas um enorme deserto. Um dos lugares menos habitáveis do planeta. Uma vez lá, o homem pisou na areia do lugar, onde começou seu drama.

Ele se lembrou de tudo o que fez: como desobedeceu ao acordo com a Deidade para roubar a juventude eterna e como seu dom se transformou em sua maldição. Ele chorou, chorou com amargura. E enquanto chorava, algo aconteceu que não acontecia há mais de duas décadas: começou a chover. E a chuva não apareceu apenas naquela região brasileira, mas simultaneamente em toda a floresta. Diferentes lugares foram banhados, recebendo a água de que precisavam.

O homem continuou chorando por uma semana, tentando aliviar seu sofrimento. Sua dor permitiu a chuva que revitalizou a Amazônia. As boas notícias das chuvas repentinas ecoaram pelo mundo. Muitos chamaram isso de milagre, porque não havia explicação razoável ou científica. E em pouco tempo, novos brotos surgiram naquela terra que

parecia infértil. Depois de expiar seus pecados, o europeu se levantou e se despiu completamente.

Transformando-se em uma serpente, ele se afundou na areia, desaparecendo de vista.

Quarenta e dois anos se passaram desde aquele dia. Atualmente, a floresta tropical é sublime, cheia de vida, o lugar mais biodiverso do planeta. É difícil acreditar que em algum momento tenha sido um deserto.

E esse evento tão incomum gerou novas lendas para explicar o mistério da agonia e ressurreição da Amazônia. Talvez a mais famosa fale de um estrangeiro que escavou e encontrou a fonte da juventude, tirou toda a água e a levou. E que eventualmente sofreu uma perda pessoal, que o obrigou a devolver o líquido ao seu lugar de origem. Como esse, existem muitos mitos, alguns mais exagerados que outros, que ninguém pode negar ou confirmar.

A resposta correta está entre a folhagem na forma de uma serpente que rasteja pela floresta, capaz de nadar nos rios a uma velocidade inalcançável. Protetor da floresta e da biodiversidade. Uma Deidade, que já teve um nome próprio, embora não possa mais lembrá-lo. A única coisa que ele lembrará, mesmo que passem anos, séculos ou milênios, é que um dia ele amou uma mulher... e a perdeu...

Essa será sua punição eterna.



Sobre o autor

Mario Spin nasceu no Equador. Ele é engenheiro de profissão, com formação em literatura desde a infância. Durante os anos quarenta de 2020, escreveu seu livro de estreia "Tu nombre me inspira" (Seu nome me inspira), publicado em julho de 2021. Essa obra dá início a uma trilogia de antologias, juntamente com "Lugares Inspiradores" (2022) e "Fauna Inspiradora" (a ser lançado em 2023). Cada livro reúne 27 histórias (uma para cada letra do alfabeto), cujos títulos correspondem a diferentes temas: nomes femininos, lugares e animais, respectivamente.

Cada história é independente, com personagens e enredos diferentes. Os gêneros são variados: desde drama, terror, romance, ficção científica, sátira social, policial, entre outros.

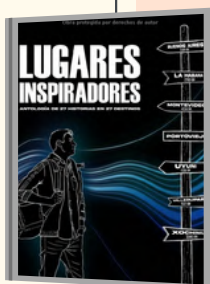
Sobre "Lugares inspiradores"

Antologia sequencial de "Seu nome me inspira". Ela reúne 27 histórias originais, organizadas em ordem alfabética, todas com um nome de lugar como título. Os lugares podem ser cidades, vilas, vilarejos, montanhas, florestas, ilhas, lugares reais ou reinos imaginários. Cada destino pertence a um país diferente, dos 5 continentes.

O idioma, os sotaques, a gastronomia, a música, os costumes, as crenças, o clima e outros fatos reais são respeitados para definir os locais onde as histórias se passam.

Cada história é independente, com personagens, enredos e gêneros literários. Basta estar preparado para viajar para lugares conhecidos e novos destinos.

Livro disponível em:



**PUBLIQUE CONOSCO E DESCUBRA O
PODER DE SUA HISTÓRIA GANHANDO
VIDA NAS MÃOS DE ESPECIALISTAS
APAIXONADOS**

**Levamos suas
palavras para o
mundo**



**SUA VOZ MERECE SER OUVIDA E, EM NOSSA
EDITORIA, TEMOS O COMPROMISSO DE FAZER
SEU TALENTO BRILHAR EM CADA PÁGINA**

WWW.ANGELSWORDEDICIONES.COM

02. Além de vingança e perdão

por Paloma Bahamón



Lá está, como é frequente, aquela nuvem densa e negra, repleta de moscas, que me mantém encurralada. É um adversário implacável, aquele que não dá trégua e que praticamente tomou posse da pessoa que ainda habito.

Antes de me apresentar a vocês, é melhor falar dela, que continua sendo meu lar, embora esteja em pedaços. Ela tem muitas décadas nas costas; olhos de céu opaco, mãos trêmulas, passo fraco, fala pausada, dentes intactos. Talvez seja a única coisa que ainda permanece inalterada.

Hoje ela acordou falando do assassinato de Jorge Eliécer Gaitán. - Minha mãe foi nos buscar na escola. Ela nos contou baixinho que ele tinha sido morto. Pediu a meus irmãos e a mim que não disséssemos que nosso pai era "godo" (desprezível). Depois, não conseguimos chegar em casa por causa da multidão e dos tiros. Tivemos que nos refugiar em uma igreja. No meio da missa, com cada explosão lá fora, as pessoas gritavam 'calma', mas eu acreditava que, como já íamos morrer, era preciso invocar a alma para que nos levasse ao céu, e era isso que eu gritava -.

O resto dos idosos ouviram a mesma ladainha dela toda a manhã, mas eles estão iguais:

com minha presença cada vez mais distante. Ao meio-dia, uma das cuidadoras a ouviu enquanto limpava o xixi no chão sob seus pés. À tarde, sua filha: uma senhora que vem uma vez por semana, no máximo.

Gosto dela, mas ela vive muito ocupada. Sempre tenta fazer com que ela se lembre de coisas do passado. Canta tangos para ela e, às vezes, a corrige. - Anita: eu sou sua filha, não sua mãe - mas cada vez mais, ela acredita nessa ideia - Sim, queridinha: amanhã é sua primeira comunhão... sim, queridinha: você é a rainha do carnaval... sim, queridinha: Ramirito já está engatinhando -.

À noite, Anita finge que ainda pode ler. Suas leituras favoritas são uma enciclopédia Larousse de 2005 e uma revista Muy Interesante de 1993. Enquanto folheia, ela diz em voz alta que o Zipa era o governante supremo dos muíscas. Que Luís XV tinha um tridente de ouro para coçar os piolhos, que as pirâmides do Egito foram coladas com betume e sangue de escravos. Ela adormece repetindo esses conhecimentos como mantras. Às vezes, ela mistura tudo e, então, os escravos do Egito arrancam os olhos de Luís XV com o tridente e os muíscas untam com betume e sangue os piolhos que devoram como um manjar.

É aí que eu ratifico novamente essa sorte cruel: a nuvem, cada vez mais densa e sinistra, faz chover presas sobre mim a cada uma de suas gargalhadas.

Então, rumino em silêncio milhares de reprovações para Anita, que ainda me teria sã se não tivesse caído em excessos de álcool, raivas, dívidas e fé cega em Ramirito. Se ela tivesse ouvido a filha que desde criança se tornou seu apoio e identificado as coincidências de sua vida com as de sua progenitora Socorro, para não repetir o mesmo destino.

Por isso, estou reduzida a escombros, prestes à derrota, comendo migalhas de lucidez, agonizando entre as rachaduras de seu cérebro. Por uma lealdade familiar, por uma falha. Porque ela e sua mãe acreditaram naquela sentença de Borges: "Eu não falo de vinganças nem perdões, o esquecimento é a única vingança e o único perdão".

Socorro era uma das muitas filhas de um rico comerciante liberal e maçom. Ela se casou jovem com um homem que não amava, porque desde criança lhe ensinaram a única coisa que ela sempre lembrava: as mulheres devem ser pacientes e submissas. Ela teve três filhos: Anita, professora de história; José, o matemático solitário; e Marco: o trambiqueiro que sempre se metia em encrencas. Aquele que "socorreu" uma e mil vezes e acabou preso em uma prisão americana por traficar cocaína.

Após as primeiras cinco cartas dele da penitenciária de Alabama e muitas, mas muitas garrafas de aguardente consumidas por ela, pouco a pouco chegou o bálsamo do esquecimento e, cinco anos depois, a completude a possuía, deixando-a nos braços da morte.

Anita também caiu em um casamento infeliz e teve três filhos. O primeiro deles foi sua desgraça. Ele a arrastou em um espiral de vícios e mesquinharias. Ela sempre o estava salvando de ameaças de traficantes, disputas judiciais e golpes de colegas de farra. Quando viu que ele não tinha redenção, aceitou ser sua companheira mais leal em bebedeiras e choros, até que ele a expulsou de sua própria casa.

Como sempre, foi a filha a quem desde criança Anita impôs a tarefa de ser seu apoio, psicóloga de plantão e, acima de tudo, segunda mãe. No entanto, ela não pôde costurar novamente aquele coração partido que, naquele momento, encontrou refúgio pouco a pouco no Alzheimer.

Sim, eu me refiro a você, maldita nuvem demencial que me mantém encurralada. A você que me persegue pelos recantos dessa massa encefálica cada vez mais seca e pequena. Com as últimas neurônios aliadas que me restam, tento plasmar esta história de uma guerra perdida, cujo campo de batalha é o deserto do que um dia foi uma

fonte de vivências e lembranças.

Você acredita que vence me apagando, mas não sabe que ainda existem trilhas invisíveis que conduzem a um jardim onde minha pouca luz se refugiará. Acima do cérebro turvo, do fígado gorduroso ou das artérias entupidas, naquele lugar mora intacta a alma que a menina Anita chamou naquele 9 de abril de 1948.

Como disse Rumi, o poeta persa: "Além das ideias de bem e mal, há um campo. Lá nos encontraremos. Quando a alma se deita naquele pasto, o mundo está tão cheio que não há palavras".

Assim que a dor tiver evaporado, eu voltarei triunfante com Anita. Em outro corpo, em outro espaço, mas sempre com o mesmo nome: Memória.



Sobre a autora

Paloma Bahamón Serrano é escritora e socióloga colombiana, especialista em Direitos Humanos, mestre em Semiótica e doutora em Estudos Sociais. Trabalhou como professora universitária em ciências humanas por 22 anos.

Publicou dois livros. Um de poesia chamado "Aguafuerte" (Editorial Entreletras, Colômbia, 2014) e um romance chamado "Um dia no 76" (Editorial Caligrama, Espanha, 2018).

Sobre "Um dia no 76"

Sara, uma brilhante cirurgiã pediátrica, acorda na cabine 76, no porão de um estacionamento. Ela não se lembra de nada sobre si mesma, exceto que quer salvar a vida de Toñito, seu irmão mais novo, e assim evitar que a família se desfaça. Mas ela está em 2015 e ele em 1976, como isso pôde acontecer? A culpa e a angústia de sua amnésia a impulsionam em uma jornada entre o real e o onírico que leva a uma revelação surpreendente.

Livro disponível em:



Nossos serviços



Serviços de publicação

Deseja publicar um livro, mas precisa de ajuda com os diferentes estágios da publicação? Cobrimos todos os aspectos de que você pode precisar para publicar seu livro: correção ortográfica, verificação gramatical, edição de livros, publicação e distribuição em livrarias digitais em todo o mundo.



Marketing digital para livros

Todo livro (físico ou eletrônico) deve ser acompanhado de uma campanha publicitária que promova a divulgação e a venda de livros on-line. Uma tarefa árdua de geração de conteúdo para redes sociais e gerenciamento de SEO para alcançar um posicionamento mais alto de nossos escritores em um mercado altamente competitivo.



Serviços literários

Você tem uma ideia, mas não sabe como transformá-la em um livro, ou acha que precisa de um conselho literário, ou até mesmo de alguém para ajudá-lo a escrever? Transformamos sua criatividade em realidade.



Serviços de tradução

Contamos com uma equipe de colaboradores certificados para a tradução de suas obras nos seguintes idiomas: inglês, alemão e italiano. Um serviço especializado dedicado a uma boa tradução literária.



Produção de audiolivros

Sabemos que muitos amantes da literatura nem sempre encontram tempo para mergulhar em uma boa história. Por isso, oferecemos uma solução em um formato conveniente e moderno: os audiolivros.

03. Início da gastronomia europeia/americana

por Norberto Torres



No fascinante amanhecer da "descoberta" da América, audazes navegadores cruzavam os mares desconhecidos em majestosos navios, acompanhados por uma tripulação carregada de tesouros culinários e experientes cozinheiros dispostos a enfrentar o desconhecido. Naqueles dias distantes, eles embarcaram nessa grande odisséia sem sequer imaginar a maravilhosa e exótica diversidade gastronômica que os aguardava no novo continente, um mundo desconhecido para seus paladares.

Ao chegar às costas desconhecidas da América, um espetáculo de cores e sabores se desdobrou diante de seus olhos ávidos por maravilhas. Eles encontraram terras férteis que ofereciam uma profusão de ingredientes que seriam fundamentais para a posteridade: o vibrante tomate, as humildes, mas versáteis, batatas, o dourado milho que alimentaria gerações, e as preciosas especiarias que perfumavam o ar com sua essência embriagadora. Além disso, uma infinidade de frutas desconhecidas lhes proporcionou seus doces segredos e sabores, oferecendo uma sinfonia gustativa que nunca haviam experimentado antes.

A interação com os nativos dessas terras permitiu-lhes adentrar um mundo culinário desconhecido, onde descobriram e aprenderam métodos de cocção fascinantes. Eles aprenderam a combinar ingredientes, realçar sabores e misturar sabiamente especiarias e ervas para criar preparações deliciosas. Toda essa riqueza de conhecimento foi levada com emoção e espanto de volta ao velho continente, onde se transformou na base de muitas das receitas que hoje em dia encantam nossos paladares.

Imaginem, por um instante, a culinária italiana sem o sublime molho de tomate! Um ingrediente tão simples, mas que, graças a esses intrépidos viajantes, tornou-se o coração da culinária mediterrânea.

Além disso, os cozinheiros dos navios, verdadeiros embaixadores culinários, não apenas descobriram os tesouros gastronômicos da América, mas também ensinaram aos habitantes das colônias e tribos a arte de usar os produtos recém-chegados. Foi assim que esses ingredientes desconhecidos se entrelaçaram com os costumes e tradições da região, dando origem à dieta cotidiana de muitos países.

No entanto, ao longo do tempo, certos hábitos alimentares desenvolvidos ao longo de séculos pelos povos que abrangiam desde os majestosos Andes até a enigmática Mesoamérica foram perdidos. Mas hoje, os chefs do continente latino-americano, especialmente os sul-americanos, têm se empenhado com paixão e compromisso em resgatar os sabores e alimentos autóctones de seus territórios. É uma verdadeira cruzada culinária, uma nobre ideia de descolonizar a gastronomia, que busca recuperar produtos originários, reviver hábitos ancestrais e valorizar as técnicas culinárias que têm sido a essência mesma da

culinária latino-americana.

É crucial, portanto, incentivar e apoiar os intrépidos chefs, os empreendedores restaurantes e cada apaixonado cozinheiro que se dedica a criar e resgatar pratos regionais, autênticas obras de arte culinárias. Em cada pedaço dessas iguarias exquisitas, se saboreia a história e a tradição de um povo, e é nosso dever levá-los às nossas mesas e compartilhá-los com nossas famílias, honrando assim a memória daqueles corajosos navegadores que, há séculos, se aventuraram no desconhecido e nos legaram este patrimônio gastronômico inestimável.



Sobre o autor

Norberto Miguel Torres é um chef argentino que está iniciando seus passos literários para nos trazer novos conhecimentos sobre a gastronomia latino-americana, suas fusões, suas origens.

Começou a trabalhar com gastronomia aos 19 anos e hoje é Chef Instrutor do Instituto IGA, tendo ao mesmo tempo sua própria empresa dedicada a catering para eventos, pratos salgados e venda a varejo de produtos artesanais, como alfajores, pudins, geléias e mel.

ALAS ABIERTAS DE LATINOAMÉRICA

PODCAST



Disponible en:



04. Sua dignidade vale muito

Prefácio

por Ada K. Soler



Mercedes e sua infância peculiar

—Vamos, tome seus remédios - ordenou sua mãe ao olhar para o relógio cor de laranja pendurado na parede. Eram dez e quinze. Ela estava escolhendo a blusa que combinaria com a saia prateada para o traje da manhã. Optou por uma amarela com decote pronunciado na região dos seios.

—Por que sempre me dá esses comprimidos que me fazem dormir? - perguntou a menina com uma voz teimosa.

—Este é o outro, o que o médico prescreveu. - Altagracia, que estava no quarto, se aproximou, abaixou-se em frente à cadeira de balanço onde estava sua filha, que assistia aos desenhos animados, e abriu a mão esquerda.

—Eu não quero - retrucou Mercedes, dando um tapa que fez com que a substância narcótica caísse no chão.

—Você é uma desobediente - exclamou a mulher com desagrado, colocando uma franja atrás da orelha. Os minutos passavam e seu novo amigo estava prestes a chegar.

—Toda vez que você me dá essas coisas, eu fico tonta -

disse a criança com tom de raiva, franzindo a testa e cruzando os bracinhos, ao ritmo do balanço da cadeira.

—Então vá brincar com a Teresa, que eu tenho visita.

—Estou vendo televisão, irei mais tarde.

—Não seja malcriada, vá logo!

—Sempre você recebe homens, nunca uma amiga - ela censurou, um pouco encolhida.

—Essa menininha vai fazer meu dia ficar péssimo - murmurou para si mesma.

Mercedes ouviu e lançou-lhe um olhar de desgosto.

—Quem vem são meus amigos e não é da sua conta - retrucou. Sem dar importância ao que aconteceu, arrumou o cabelo, caminhou até a parede da sala onde havia um espelho, pegou um batom, girou-o, a pasta subiu e ela passou nos lábios. Uma vez feito isso, ela mexeu os lábios repetidamente para que a pintura ficasse uniforme.

—Sim, me interessa sim, você é minha mãe. A vizinha ao lado, por que suas amigas a visitam e a você, homens?

—Fique quietinha que você fica mais bonita - respondeu a

a mulher enquanto pulverizava spray no cabelo para mantê-lo no lugar.

—Sabe, alguns daqueles que vêm aqui me olham de forma estranha - enfatizou e chupou o dedo polegar, ao mesmo tempo que enrolava uma mecha de cabelo na mão esquerda.

—Quem disse!, não invente coisas, Mercedita. Eles são apenas simpáticos com você.

—Mamãe...

—Escute o que vou te dizer - cortou -, não se meta na minha vida, eu tenho que trabalhar para te alimentar.

—Não vou para a escola - disse em tom repulsivo, sem saber por quê.

A mãe entendeu perfeitamente o comportamento de negação de sua filha, ela o fazia para que ela mudasse de ideia e parasse de receber indivíduos de certo tipo. Se procurasse um emprego com pagamento quinzenal ou mensal, seria muito cansativo para ela. Além disso, duraria pouco, porque tinha o hábito de pegar as coisas dos outros.

Ela gostava do que fazia; sair para festas, ser o centro das atenções em bares ruins. Tudo isso tinha começado desde muito jovem, e sua imagem se deteriorava com o passar do tempo. Seus clientes cada vez lhe pagavam menos... e a tratavam assim.

Com oito anos, Mercedes percebia a qualidade de vida que sua mãe levava. Cada vez mais, o fluxo de pessoas em sua casa era evidente. Sua incredulidade aumentava cada vez mais sobre o que sua mãe lhe dizia. Mercedes se levantou, olhou para ela com aversão, sabia que tinha que obedecer, senão ela a pegava pelo braço, a tirava de casa e trancava a porta. Optou por buscar suas bonecas de pano que seus avós lhe haviam dado de presente de aniversário e aventurou-se a dizer a verdade, mas preferiu calar, assim evitaria um tapa no começo da manhã.

Naquele dia, Altagracia não podia mandar o sujeito mal-humorado para casa sem atendê-lo, porque ele se tornara um cliente fiel, que a chamava a cada quinze dias, apesar de seu péssimo caráter. Para ela, pouco importava, eram apenas menos de uma hora que ela tinha que suportá-lo. Com os novos clientes, era necessário presentear-los com bons momentos para seu ego, para que continuassem procurando-a e, acima de tudo, pagassem sem relutância.

Os meses passavam, os anos também, e a menina notava que estava regredindo em sua aparência. Muitas vezes, Mercedes comentava que estava mostrando seu corpo além do necessário... A mãe se transformava em uma ávida adepta das bebidas alcoólicas. Sempre a acompanhava um hálito fedorento em volta dela.

Mercedes também se tornara dependente das pílulas, para ela, eram imprescindíveis; quando não as recebia, as procurava sozinha. A mãe a mudou de escola porque ela havia sido promovida para uma série mais avançada, e na escola que ela frequentava havia um número ilimitado de aulas. Sua avó brigava para que ela as desse, dizia a Altagracia que ela era incapaz de educá-la para o bem.

Por outro lado, sua busca insaciável por dinheiro levou a mãe a recorrer a pessoas peculiares no campo dos empréstimos pessoa a pessoa. Ela nunca chegava a pagar os créditos até que um dia encontrou um agiota que lhe

assegurou que ele tinha o que ela procurava.

Naquele momento, seus olhos se iluminaram como duas estrelas, assim como as do emoji na tela de um telefone. O homem lhe entregou uma folha para que ela colocasse o valor e assinasse, ela nem leu, preencheu o papel e o devolveu.

Um ano depois, bateram à sua porta para cobrar a dívida que ela nunca havia sequer pago alguns centavos. Deram-lhe um prazo, se não pagasse, teria que entregar sua filha como pagamento, como estava escrito no contrato que ela havia assinado.

Sobre a autora

Ada K. Soler, por trás desse pseudônimo, é a escritora dominicana de romances radicada na Itália. Arquiteta de profissão, ela se caracteriza por seu alto senso de estética e perfeccionismo em tudo o que faz. Ela é autora de vários livros, incluindo: "Tornado", março de 2021, "'Cacau para meus nervos'", agosto de 2021, "O herdeiro do palácio", maio de 2022 e "O protetor do palácio", junho de 2022 - A Bilogia do Ano do Boi ambientada na China.

Sobre "Sua dignidade vale muito"

O que aconteceria se você percebesse que o caminho que percorre é cheio de espinhos?

A sinceridade leva Mercedes, também conhecida como Chiqui, a buscar e querer mais do mundo. Mas, infelizmente, o que a rodeia não é o que parece. E mais ainda quando ela mergulha nos piores lugares.

Um convite cria uma nova ilusão para ela, mas, apesar de sua obstinação, ela não sabe que isso a levará a nadar contra a correnteza.

Somente um milagre poderá salvá-la! O que será?

Livro disponível em:





CELEBRAMOS NOSSO 1º ANO

E QUEREMOS COMEMORÁ-
LO COM TUDO!

Publicamos seu livro em formato de
ebook e impressão sob demanda

Alcançando mais de 40 países

+ Audiolivro

+ Tradução para o inglês

+ Campanha de marketing para a
publicação

**POR APENAS
USD 500**

*Promoção válida
durante o mês de agosto de 2023
para todos os territórios do mundo*

05. O espírito de Arabela

por Maximiliano Gómez



Ela fugiu.

Ela fugiu e foi a única. Também foi a única que não a viu.

"É ela!". "Olhe, lá voa. É majestosa". "Eu sabia!". "Arabela!". "Oh". "Ah!". Algumas das muitas exclamações dos outros olhando para o mesmo ponto entre as nuvens dispersas, com encantamento e suspiros.

Todos foram. Crianças, mulheres e homens; também alguns idosos que sobreviveram à batalha. Todos começaram a se lançar do penhasco. Completamente extasiados com aquela visão. Alguns pulavam com uma expressão tranquila, outros mantinham o rosto feroz que se adquire na luta. Eles pulavam de cabeça.

Ela olhava para o ponto que todos haviam apontado, em vão. Nada viu.

Ela virou-se e viu os pálidos mortais novamente. Mas desta vez, sentiu uma luz de esperança atravessá-la. Todos eles tinham uma expressão de perplexidade atroz. Nunca em suas vidas haviam visto algo parecido, nem veriam. Ninguém nunca havia visto nem veria algo parecido.

Semelhantes que não sucumbiram à espada e ao ouro daqueles pálidos letais, quem

poderia se vangloriar de tal excentricidade!

Apenas eles, seu povo. Exceto...

Exceto ela. Logo, o caos diminuiu quando o último de seus semelhantes pulou, e ela ficou sozinha, à mercê daqueles invasores predadores inescrupulosos. Ela também não pretendia ser raptada; preferia morrer, é claro. Ela não venderia sua vida a nada nem a ninguém, mas... Mas ela não foi vista, então ela não sabia se não teve coragem ou o quê. Embora ela precisasse escapar.

Ela aproveitou os vestígios da confusão dos monstros e deslizou como uma sombra de condor sob a proteção de uma grande rocha, ainda tinha a força que Onga e todos os outros lhe haviam dado. Se fosse preciso lutar até a morte, ela o faria.

Mas não foi necessário. Ninguém a viu.

Depois que os pálidos derrotados partiram, ela começou sua jornada. Deixaria suas terras, não havia alternativa. Iria longe, alguns quilômetros. Mas aqueles pálidos, os pálidos, não escapariam dela, por todos os que pereceram de seu povo, com honra ou sem ela. Todos os pálidos que habitassem sua terra, a de seu povo, e até um

pouco além, a dos povos amigos que também pereceram. Todos eles. "Por Arabela".

Luquinhas, moreninho, raquítico e nervoso, ria com aquele riso estranho dele, contido. Ele era pequenino e, quando ria, ficava ainda mais minúsculo, com aquele moletom velho, todo esticado e dois ou três tamanhos maiores. "Hehehe". Ele tinha uma infinidade de expressões faciais grotescas que usava para não desperdiçar nem um fino grão de cocaína, como ele acreditava. Faltavam vários dentes apesar de sua juventude e ele sempre falava com a boca tensa, os poucos dentes apertados, mal separando os lábios; as palavras saíam em uma sinfonia de poucos sons quase inaudíveis. Mas com Román era diferente, ele abria mais a boca e soltava uma gargalhada, sem se preocupar tanto em mostrar sua dentição destruída como uma cidade bombardeada. Mas ele sempre conservava aquela tensão nos lábios, especialmente no superior, que tentava cobrir bem a boca de todos os olhares. Às vezes, emitia alguns sons como os produzidos ao tocar um pente com celofane, como se fosse uma gaita.

-Não seja avarento, idiota. Dissemos três linhas para cada um, não finja que não sabe - disse Román, tentando dar uma voz de autoridade, algo que nunca lhe saía bem.

Luquinhas entregou-lhe o

caderno encadernado onde estavam as três linhas brancas que cabiam a Román; embora uma fosse mais curta que as outras.

Román fez um barulho com a língua enquanto pegava o caderno e inalava apressadamente a primeira linha com o tubo azul da caneta que ele tinha. Inclinou a cabeça para trás e fechou os olhos com prazer. Luquinhas ainda estava tentado, emitindo aqueles sons estranhos pela boca e aspirando pelo nariz.

-Que cú de balão - dizia ele com sua voz aguda. - Você me faz rir.

Román manteve aquela posição de deleite por alguns segundos e depois inalou a segunda linha.

-Como quando te mandaram ajudar a pintar o mural daquele maluco, como foi?

-Cortázar. Oh, aquele foi um dos momentos mais belos da minha vida - ele fechou novamente os olhos saboreando tudo, a lembrança e a cocaína, e acariciou suavemente o orifício pelo qual havia acabado de cheirar.

-Jijijiji.

-Oh, bem. Pelo menos fiz algo produtivo lá, e você o que fez? Ah, certo, você colocou fogo naquele contêiner na entrada para sermos atendidos mais rápido.

Luquinhas parou de rir, agora

estava sorrindo.

Román o olhou fixamente nos olhos.

-Idiota, isso aconteceu de novo, não foi?

Luquinhas fez aquele gesto com a mão, tão característico dele, que sempre acompanhava com um estalo surdo da língua.

-Que eu saiba, idiota. Não sei, sim, não sei, quer dizer... Não sei - Começou a rir de novo.

Román sorria e balançava a cabeça.

-Você é piromaníaco.

-Sim, isso.

-Mas você sabe que precisa se controlar, idiota, senão vão te internar de novo; quantas vezes você quer passar trancado nessa merda, hein?

-E sim, mas o que eu sei.

-Não, eu não sei nada...

-Eles não queriam nos atender.

-Oh, cale a boca, olhe. Sempre uma desculpa. Eles demoraram, não tanto. Já nos dão demais, idiota; você precisa pensar nisso. Se não fosse pelo Neuro, não estaríamos aqui - Román olhou em volta -, literalmente. - Ele soltou uma gargalhada antes de inalar a última linha.

-Sim, nos salvaram a vida.

Román jogou o caderno de lado e terminou de aspirar bem pelo

nariz enquanto acariciava a canaleta do buraco que acabara de cheirar.

-Sim, nos salvaram a vida. Não devemos esquecer isso, Luquinhas - suspirou e se ajeitou, endireitando o tronco e a cabeça, no fino colchão da cama em que estava sentado. - Lembre-se do que éramos quando nos conhecemos no hospital, você com aquele diagnóstico de... de esquizofrenia, você tinha tentado incendiar sua mãe, idiota, iam te mandar para a prisão. Do que você se salvou...

-Vi.

-E eu enfiei uma bolsa de quatro gramas de cocaína no cu. Enquanto falava com um amigo, esperava que se espalhasse ali e me matasse. Felizmente, meu amigo percebeu e me levou ao pronto-socorro. Mas bem, você já conhece essa história, Luquinhas, felizmente encontrei essas pessoas do Neuro e me salvaram. Eu teria morrido ali se não... Há quanto tempo? Sete, oito anos?

Luquinhas, ainda sorrindo, deu de ombros.

-Ai, você nunca sabe de nada, Luquinhas. E ainda ri de mim quando te conto sobre o Neuro.

—Kkkkkk —Luquinhas começou a procurar em seus bolsos da frente e de trás da calça surrada.

—É verdade. É verdade o que estou dizendo. Quase não se

sabe nada sobre a história do Neuro, olha que perguntei várias vezes às enfermeiras, às assistentes sociais e até duas vezes às médicas. Aquela de cabelo curto, meio brava, não a má, a outra, como era o nome dela? A Peralta. Ai, não, Luquinhas, o que você vai fazer?

Luquinhas, sorrindo, mostrou-lhe o baseado bem armado e grosso que acabara de tirar, depois pegou um isqueiro. Qualquer pessoa que o visse com um isqueiro na mão sairia correndo ou pelo menos tentaria tirá-lo dele. Mas não Román; ele o conhecia muito bem. Ele dizia que eram como um casal sem sexo. Nos momentos em que não estavam internados no hospital psiquiátrico, compartilhavam aquele apartamentinho fornecido pelo governo através do próprio Neuro. Ambos abandonados à própria sorte por suas famílias, Román por ser gay e bipolar, e Luquinhas por ser esquizofrênico com potencial para matricida, viviam com um subsídio do estado naquele quarto de um complexo de apartamentos administrado pela instituição psiquiátrica e que era visitado por assistentes sociais umas duas ou três vezes por semana.

—Ai, não. Não curto isso, você sabe. Menos misturado com pó, mano.

Luquinhas parou de oferecer-lhe o baseado branco e encolheu os ombros, levou-o à boca e tentou acendê-lo.

—Ugh. Essa porcaria. Cheira mal —disse Román, olhando-o com nojo—. Enfim, como estava dizendo... E não ria de mim! O Neuro, sério mano, é do tempo da onça, ou seja, mil oitocentos e noventa, diz na entrada... E eu já pesquisei no Google e não achei nada sobre sua história. Imagina, talvez tenha passado por tudo, toda a história bem obscura da psiquiatria: lobotomias, terapias de eletrochoque, ou seja... Não sei, imagino que tenha sido muito útil em uma época, levavam principalmente os loucos criminosos e os mantinham amarrados lá. Depois as mulheres com neurose e as encharcavam de barbitúricos.

Luquinhas deu algumas baforadas longas e contínuas.

—Você está guloso, Luquinhas. Cuidado. Depois ninguém te aguenta. Tudo bem, amigo, mas vai com mais calma. Bem, estava te dizendo, o Neuro... Quem ou quem o fez, na verdade? Como foi feito? Quem foram os primeiros a passar por lá, e depois? O que p...?

—Estranho que você não saiba, você que é tão sabido. Vive aí lendo na internet, sabichão.

Román sorriu encantado, considerando aquilo como um elogio.

—Sim, mas tudo isso não está na internet, já te disse, cansei de procurar. Além disso, gosto das informações que não estão na internet, nem mesmo na Deep web.

—Tudo está na internet.

—NÃO! —gritou Román.

Silêncio.

—Ui, não —Román bateu a testa com a palma da mão.

—O que foi?

Ele suspirou e levantou lentamente a cabeça.

—Não fomos buscar a comida no Neuro. Que horas são?

—Caramba —exclamou Luquinhas e olhou a hora em seu celular—. Já era. Não vamos conseguir, e eles vão nos odiar se chegarmos atrasados.

—Sim, o problema é que a gorda maldita que nos dá a marmita vai anotar, com certeza, que não fomos —suspirou novamente—. Espero que não nos prejudiquem com isso, Luquinhas, não estou com paciência para outra internação agora.

—Não, mano, também não estou.

—Mm —Román olhou para ele, preocupado—. E além disso, você já está cheio disso, com o que aconteceu outro dia, e agora isso.

Luquinhas já não sorria mais e começou a mexer a perna como um tique nervoso. Estalou a língua algumas vezes enquanto terminava o baseado. Olhou de soslaio para Román, que lhe devolveu o olhar

inquisitivo.

—BUU! —gritou Luquinhas, levantando-se de um salto.

—AHHHH —gritou Román e pulou para trás no colchão.

Luquinhas soltou aquelas gargalhadas estridentes que só soltava na frente de seu colega de apartamento, e Román levou a mão ao peito.

—Quase me mata de susto, idiota, e eu estou bem chapado.

—São os fantasmas do Neuro que se apoderam de mim —disse Luquinhas.

—Cala a boca. Não dá para falar nada sério com você. Olha, esse lugar é um enigma para mim, apesar de eu ter passado boa parte da minha vida lá, ou melhor, graças a isso. Daria para escrever um livro sobre o hospício, não é mesmo? Um de terror, estilo Stephen King.

—Sim, sim, sim.

—Você nem conhece, com certeza. É mais conhecido que Jesus, o outro.

De repente, Luquinhas deu outro pulo.

—Oh —exclamou e ficou em posição de alerta. Novamente, algo que Román não havia escutado na primeira vez: bateram na porta, com três batidas secas.

Román levou uma mão à boca,

os olhos arregalados.

—A assistente? —sussurrou, alternando o olhar entre os olhos gigantes, de roedor, do seu companheiro e o baseado que acabara de deixar cair no chão, ainda aceso e soltando aquele cheiro que ele achava horrível.

Trecho do que as vozes contam, as vozes na cabeça de alguém com monomania à luz da fogueira:

Ela chegou a um lugar onde havia mais saqueadores pálidos do que natureza, mas decidiu que se estabeleceria ali para cumprir sua missão. Conseguiu se misturar com seus semelhantes de outras tribos, que haviam sido de espírito não tão inquebrantável quanto o seu. Ela viu muitas atrocidades que a encheram de ódio. Meninas estupradas, idosas e homens jovens e mais velhos mutilados; pessoas torturadas, vendidas, escravizadas, humilhadas, tratadas como fezes, assassinadas depois de implorar para serem poupadas.

Mas ela conseguiu sobreviver, aprendeu a língua do saqueador assassino e se virou para continuar viva, recrutando algumas de suas semelhantes mais jovens de outras tribos e levando-as a um lugar que encontrou, mais ou menos perto de todas aquelas construções tão estranhas que os pálidos horríveis as estavam fazendo construir. Ela relatou a suas súditas o que aconteceu na terra de Onga, cheia de gelo, raiva e êxtase às vezes.

Todas estavam perplexas, mas sentiam nas palavras dela um pequeno raio de luz entre tantas trevas. Elas a seguiram com os olhos fechados.

Elas se estabeleceram lá, onde a Córdoba dos dias atuais conhece como o bairro General Paz. Com seus conhecimentos em medicina comechingona, curavam qualquer um que recorresse a elas, também ofereciam seus serviços sexuais em troca de sua sobrevivência. Enquanto isso, ela começou tudo. Invocou suas divindades e através delas: os espíritos sombrios que habitam o mundo. As divindades aceitaram sua súplica de castigo perpétuo. Os espectros vieram ao lugar prometendo ficar lá para sempre. Essas entidades etéreas da calamidade, como se sussurrassem entre as jovens por causa do que ela lhes havia contado, se apoderariam de todos os homens brancos e mestiços que já tivessem um padecimento "espiritual" (os piores dos padecimentos) e que fossem ao lugar em busca de alívio. Agudizariam sua aflição e os escravizariam. Castigo diviníssimo.

A cabana que haviam montado naquele canto da jovem cidade de Córdoba de La Nueva Andalucía, logo ganhou fama entre os que iam e vinham a cavalo pela região, como um centro não apenas de medicina ancestral xamânica misturada com alguns conhecimentos da medicina do homem branco para as doenças físicas, mas

também emocionais. A alienação também poderia encontrar algum alívio por aquelas bandas, pelo menos era isso que se espalhava entre seus habitantes, aquelas jovens comechingones de beleza incomum, comandadas por uma velha que mal aparecia. Aquelas damas enfeitiçavam quem entrasse lá, e depois ficavam tão extasiados com sua beleza, seus cuidados divinos e os alucinógenos administrados, que, segundo se dizia, passavam de um estado de alienação para um estado de arrebatamento eterno. A maioria se suicidava. Mas naquela época, as pessoas supunham que poderia ser a melhor opção.

Com o passar dos anos, a cabana se transformou em um edifício de pedra, tijolo e barro. Já não eram apenas trabalhadoras de beleza excepcional que trabalhavam ali, mas agora também havia índios, homens e mulheres brancos com conhecimentos em medicina.

Passaram muitos anos, lustros, décadas e décadas, e o edifício crescia sem parar. A verdade é que o povo não sabia muito bem a razão, nunca conseguia se curar quem passava por ali, mas havia algo naquele lugar. Algo. Os que foram construindo ao redor e se estabelecendo como vizinhos não sabiam se esse algo era benigno ou maligno (nem sequer abordavam a maioria das vezes a partir de uma posição maniqueísta), mas era algo muito impressionante. Uma

espécie de estrela na escuridão, uma estrela que brilhava e queimava. A história da mulher que o criou se tornou uma lenda, depois se tornou um rumor para desaparecer completamente. Ninguém soube o que aconteceu com ela. Talvez nem mesmo suas primeiras súditas soubessem.

Aquele edifício em expansão, com o passar dos anos, foi derrubado e receberam um nome, um que apagou completamente sua existência passada. Houve algo como uma amnésia coletiva às vezes e também uma alomnésia coletiva outras vezes. O nome que deram àquele edifício, que era imponente para a época em que foi erguido, demolindo a modesta construção que antes estava ali, foi "Hospital de Alienadas", para depois mudá-lo para o que ficaria até os dias de hoje: Hospital Neuropsiquiátrico Provincial.

"Toc-toc-toc".

Ele fez novamente, e Román viu.

—Desgraçado! —exclamou indignado.

E Luquinhas explodiu em gargalhadas novamente, mostrando sem pudor o desastre que tinha dentro da boca. Dava para ver três dentes pontiagudos e marrons em cima e dois embaixo. Naquele momento, Román pensou que ele se parecia com Gollum.

—Você me assustou de

verdade, idiota.

Ele tinha batido o pé da cama com seus velhos sapatos gastos de cor camelo, os quais ele só tirava para tomar banho e dormir (às vezes até dormia com eles). Não conseguia parar de rir. Román o olhava de braços cruzados. Luquinhas caiu de costas em sua cama e continuou rindo.

—Kkkkkkkkkk.

—Bom, já deu? Lembre-se que eu não estou chapado, te lembro. Pena que não posso compartilhar a piada. Vão nos internar de verdade, não acho graça. Eu quero estudar, idiota.

Luquinhas foi se recuperando do riso, que se transformou em uma tosse seca, até poder articular palavras.

—Estudar? Psicologia?

—Sim, idiota, que outra carreira seria? Você sabe que faz...

—Você faz isso a vida toda, seu idiota, e ainda está no primeiro ano.

Luquitas começou a rir novamente. Román olhou para ele, magoado, mas preferiu não se deter nisso.

—Bom, vou começar a estudar. Vou aproveitar que minhas células cerebrais só funcionam quando estou drogado, parece.

—Não, não, espera. Conta algo para mim. Estou entediado—, disse Luquitas com toda a seriedade que pôde.

Román, que estava levantando, sentou-se novamente e encarou o amigo, cruzando as pernas como um índio. Ele adorava quando lhe pediam para contar algo, mas decidiu ser difícil dessa vez.

—Por que eu deveria contar algo se você não acredita em nada? Ou se ri da minha cara, ou simplesmente não se importa.

—Não, sério mesmo—, disse Luquitas, acomodando-se em sua cama e olhando para o amigo com solenidade, sorvendo várias vezes pelo nariz e tossindo outras.

—Para saber se você está com o Coronavírus, já que vive tossindo por essa droga!—, exclamou Román, estalando a língua. —O que você quer que eu conte? Sobre os índios?

—Sobre os comechingones? —, tossiu Luquitas. —Aqueles que você me contou outro dia.

—Ah, mas eu mal te contei alguma coisa. Só falei para irmos conhecer Ongamira em algum fim de semana, é algo que estou com muita vontade de fazer. E sim, falei que ali no morro aconteceu um dos eventos mais notáveis da história dos índios. Os comechingones partiram de Charalqueta, foi um suicídio em massa para evitar serem capturados pelos espanhóis. Acho que são a única etnia nas Américas que fez algo assim. Que coragem, não é mesmo?... O que foi?

De repente, Román se sentiu desconfortável, seu amigo o encarava intensamente e havia algo estranho em seus olhos. Ele estava sério de repente.

—O que aconteceu? Por que está me olhando assim?

Luquitas não respondeu, em vez disso, desviou o olhar para um ponto na parede e o fixou lá. Ele não parecia estar sob efeito de drogas, pelo menos foi o que Román percebeu, e isso foi o primeiro pensamento que lhe ocorreu, mas depois de observá-lo melhor, ele supôs que fosse outra coisa.

—O que você está olhando, idiota?

Román virou-se para olhar o ponto onde Luquitas supostamente não tirava os olhos. Era um ponto qualquer na parede, de cor bege manchada de umidade e sujeira. Román franziu o cenho e voltou a olhar para o amigo.

—O quê?

—Estão me comunicando que era a Arabela", disse Luquitas fluentemente, mas com aquele olhar em transe.

Román sentiu um arrepio e franziu ainda mais o cenho, encolhendo as pernas em direção ao peito como proteção. De repente, Luquitas voltou a encará-lo e se sentou na cama. Román deu um pulo e sentiu outro arrepio; ele não conseguia dizer nada.

—Me dizem que você pode

voar, Román. Esse poder é dado a você pela própria Arabela. Você pode voar, Román! Os comechingones, a divindade comechingona, te agradeceram."

Román agora estava tremendo, era inevitável. As drogas que havia consumido não estavam fazendo efeito, nem mesmo a quantidade de psicofármacos que tomara. Ele se sentia mais lúcido do que nunca, e não estava suportando isso. Não sabia o que dizer.

Luquitas continuou olhando para ele, e Román continuou tremendo, encolhido em posição fetal.

—ROMÁN! — gritou seu amigo.
—ROMÁN, ME OUÇA, POR FAVOR! VOCÊ PODE VOAR!

Román queria chorar. De repente, algo mudou na mente de Luquitas, aquele olhar novo e horrível desapareceu e deu lugar a uma expressão confusa. Pouco a pouco, ele começou a sorrir e olhar ao redor.

—O que você disse? Que eu posso voar? —, riu Luquitas. — O que estou dizendo?

Então ele olhou para Román novamente, e um pouco daquele olhar horrível voltou.

—Mas eu os ouvi, ouvi os comechingones; eles falavam outra língua, mas em minha mente me fizeram entender o que queriam dizer, e depois está... a Arabela", disse ele, olhando para baixo, com o cenho franzido.

Um silêncio sepulcral os precedeu. Román continuava tremendo e havia urinado de medo.

Luquitas olhou para ele novamente e sorriu, mostrando seus cinco dentes da frente afiados e manchados. A expressão de seu rosto assustou Román, ele nunca havia sentido isso por seu amigo.

—Você pode voar, Román—, disse Luquitas, desta vez em voz baixa. —Eu juro que sim, é o poder que os comechingones te concedem através de Arabela; alguns deles se mataram lá em Charalqueta ou Colchiquí. Vamos lá! Experimente, por favor.

Román se levantou mecanicamente. Agora estava atordoado.

—Tente, por favor—, implorou Luquitas, indo e vindo ao seu redor. Era uma cena louca, pensou por um momento. Mas tão vívida...

Luquitas o agarrou pelo ombro e o arrastou em direção à janela.

—ROMÁN, POR FAVOR!

Ele olhava para o amigo com medo. O que estava acontecendo? Seu cérebro não conseguia processar tudo. Ele afastou o amigo com uma mão e o outro recuou, protegendo-se instintivamente. Sua expressão de felicidade agora era de desconcerto puro.

Román sorveu pelo nariz e ergueu a cabeça. "Sempre com dúvidas e medos, sempre vivendo assim, ou melhor, arrastando-me assim."

"Não mais", disse a Luquitas, que continuava olhando-o desconcertado e com medo.

Román se agachou junto à janela, segurando-se nas vigas, olhou para trás por um segundo, para os olhos de seu amigo, e então se lançou.

A janela inundou Luquitas daquele sol espetacular de primavera ou verão, ele não sabia ao certo. Levou alguns segundos para processar tudo, o efeito da maconha, se é que algum dia existiu, já havia se dissipado bastante, assim como o de qualquer outra droga. Pelo menos era o que ele acreditava. Ele se aproximou da janela e olhou mais atentamente para o céu, estava no décimo andar e quase não havia prédios ao redor, então ele conseguia ver principalmente o firmamento. Ele não avistou o amigo planando. Ele foi tirado desse pensamento pelos gritos que vinham de baixo. Ele olhou para a rua e lá estava seu amigo, destroçado. A silhueta distante no pavimento formava uma forma estranha, e ao redor havia um grande círculo escarlate. As pessoas se aproximavam e formavam um círculo com uma boa distância do corpo de seu amigo.

Nesse momento, algo interrompeu o sol brilhante que projetava em seu rosto, uma grande sombra. Ele levantou os

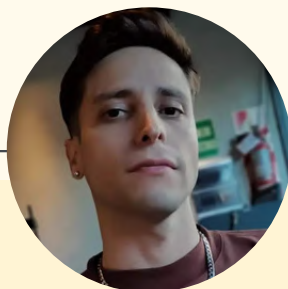
olhos e não conseguiu raciocinar o que era ou de onde vinha. Em seguida, desapareceu e o sol pleno o atingiu no rosto novamente, ele franziu a testa e fez uma viseira com a mão. Agora aquilo aparecia novamente, mais longe desta vez. Planando majestosamente. Era uma águia, ele soube pelas pontas

das penas e pelo bico (e pelo tamanho!), pois a silhueta em contraste com o sol era toda escura.

—Arabela—, sussurrou com um sorriso. —O espírito de Arabela.

Livre. Seu amigo estava livre. Ele o invejava.





Sobre o autor

Maximiliano Gomez (1989) nasceu na cidade de Córdoba, onde vive atualmente. Está estudando para sua tese como tradutor de inglês e escreve ficção desde criança. Publicou três livros: Novo mundo (Tinta Libre Ed., 2020), O pintado (Tinta Libre Ed., 2020) e Do Not Vomit! Esse último, um livro que ele acaba de publicar na plataforma Amazon, em formato de eBook. Muitas vezes, suas histórias retomam lendas aborígenes de seu país ou são distopias com denúncias sociais; em todo caso, as narrativas se desenrolam com crueza.

Sobre "DO NOT VOMIT"

No futuro, há um reality show que quebra todas as regras.

Ele nos traz a maior das diversões, tão valorizada desde as primeiras civilizações humanas (e até mesmo antes).

Ele nos lembra que há questões intrínsecas à nossa natureza que parecem ser inevitáveis.

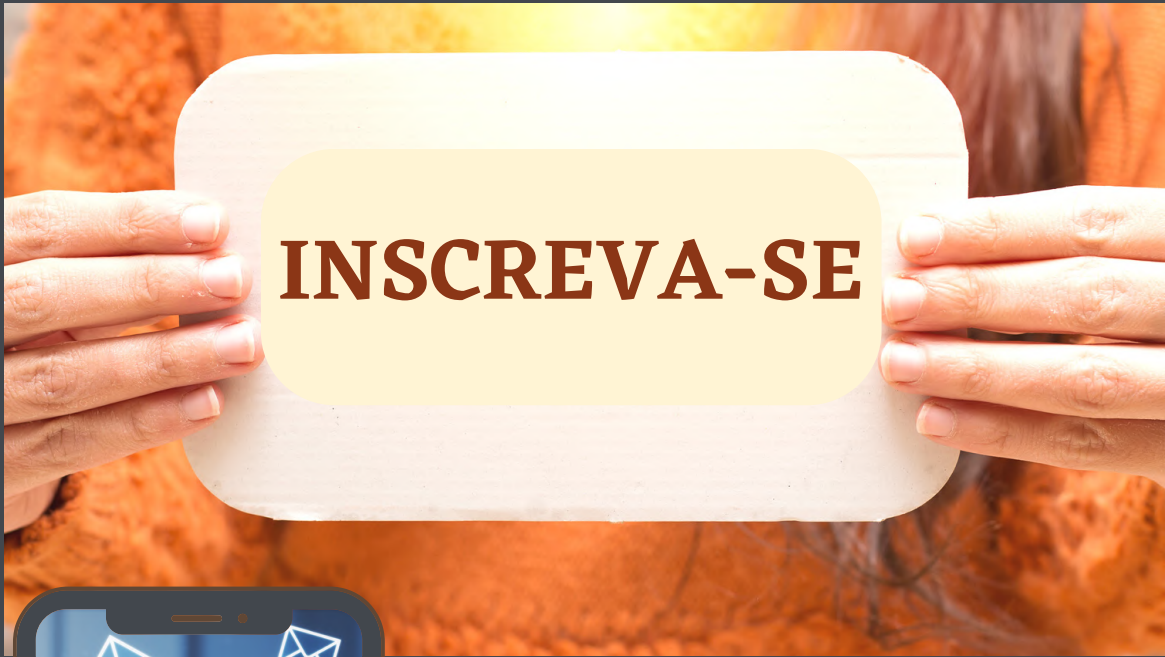
Que o mais importante de tudo, para ser alguém nesse cenário perverso, é suportar todo tipo de sadismo, humilhação e não retribuir.

Quanto as pessoas do subdesenvolvimento desse cenário distópico - embora, às vezes, incrivelmente atual - estão dispostas a fazer para obter cidadania em um país de primeiro mundo? E os habitantes desse primeiro mundo por aceitá-las?

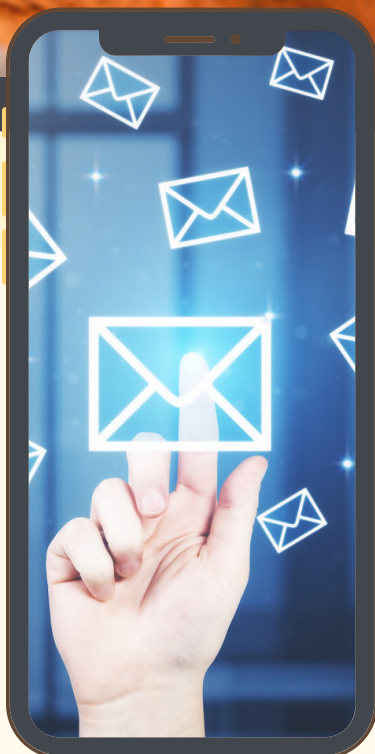
Neste lugar, vamos contemplar isso. E lembre-se de que, apesar de tudo o que você ler aqui, o mais importante é: NÃO VOMITAR.

Livro disponível em:





INSCREVA-SE



**Você gostaria de receber
nossas notícias, revistas,
promoções e dicas
editoriais
automaticamente?**

Inscriva-se gratuitamente em nossa mailing list.

Link em www.angelswordediciones.com



ANGEL'SWORD EDICIONES DIGITALES

Angel'Sword E. D. é um empreendimento que nasceu do sonho de Angel Fernandez (Diretor de Angel'Sword) de se tornar um escritor independente. Esse sonho o levou a passar pelas diferentes experiências e vicissitudes pelas quais todo escritor independente deve passar para poder publicar seu livro e vê-lo disponível em prateleiras e portais virtuais em todo o mundo.

Durante este processo, ele conheceu uma comunidade de freelancers que o ajudaram de suas diferentes áreas de especialização a realizar seus ambiciosos planos. E hoje, todos eles estão unidos sob o mesmo objetivo: ajudar todos os escritores independentes a ver seus sonhos de publicar seus livros se materializarem e em livrarias digitais ao redor do mundo.

Siga-nos em nossas redes sociais.



PRÓXIMOS EVENTOS LITERARIOS NA LATAM

(SEGMENTO ESPANHOL)

FUENTE: WWW.ESCRITORES.ORG



APP - CONCURSOS LITERARIOS

Puedes instalar la nueva versión de la APP de Concursos Literarios desde Google Play "Concursos Literarios Escritores.org"



XLIII CONCURSO MUNICIPAL DE POESÍA LEÓN A. SOTO 2023 (PANAMÁ)

Género: Poesía

Premio: B/. 7.000, edición y 15 ejemplares

Abierto a: autores nacionales, residentes o no en el territorio nacional, y los panameños por naturalización residentes en el país, mayores de 18 años

Entidad convocante: Alcaldía de Panamá

País de la entidad convocante: Panamá

Fecha de cierre: 04:08:2023



PREMIO NACIONAL DE CUENTO ERACLIO ZEPEDA 2023 (MÉXICO)

Género: Cuento

Premio: \$ 80.000 y reconocimiento

Abierto a: autoras/es mexicanos por nacimiento, residentes en el país o en el extranjero

Entidad convocante: Gobierno del Estado de Chiapas

País de la entidad convocante: México

Fecha de cierre: 09:08:2023



CONCURSO MUNICIPAL DE NOVELA CARLOS FRANCISCO CHANGMARÍN 2023 (PANAMÁ)

Género: Novela

Premio: B/. 7.000, edición y 15 ejemplares

Abierto a: autores nacionales, residentes o no en el territorio nacional y los panameños por naturalización, mayores de 18 años

Entidad convocante: Alcaldía de Panamá

País de la entidad convocante: Panamá

Fecha de cierre: 11:08:2023



V CONCURSO DE RELATO AUTOBIOGRÁFICO BREVE UAO 2023 (COLOMBIA)

Género: Relato, infantil y juvenil

Premio: Sin especificar

Abierto a: estudiantes de pregrado universitario de cualquier universidad del mundo, y estudiantes de grado décimo y undécimo de los colegios que pertenecen al PAEM

Entidad convocante: Universidad Autónoma de Occidente

País de la entidad convocante: Colombia

Fecha de cierre: 11:08:2023



CONVOCATORIA POÉTICA REVISTA LIJ IBERO 2024 (MÉXICO)

Género: Poesía

Premio: Publicación

Abierto a: sin restricciones

Entidad convocante: LIJ Ibero, Revista de Literatura Infantil y Juvenil Contemporánea

País de la entidad convocante: México

Fecha de cierre: 11:08:2023



PREMIOS ESTATALES DE LITERATURA JOVEN 2023 - "ROGELIO TREVIÑO" Y "NELLIE CAMPOBELLO" (MÉXICO)

Género: Poesía, cuento

Premio: \$ 20.000 y diploma

Abierto a: personas escritoras chihuahuenses de nacimiento o con residencia en el Estado de Chihuahua, entre 18 y 29 años

Entidad convocante: Gobierno del Estado de Chihuahua

País de la entidad convocante: México

Fecha de cierre: 14:08:2023



I PREMIO DE POESÍA IBEROAMERICANA "KONESH ARTE Y CULTURA" 2023 (EE.UU.)

Género: Poesía

Premio: 1.000 dólares, edición y 50 ejemplares

Abierto a: mayores de edad, nacidos y radicados en cualquier país de Iberoamérica

Entidad convocante: Konesh Soluciones, Konesh Arte y Cultura, Konesh Ediciones, Zona de Paz y Poesía, Nueva York Poetry Press, y Nueva York Poetry Review

País de la entidad convocante: EE.UU.

Fecha de cierre: 15:08:2023



PREMIO NACIONAL DE NARRATIVA ARIEL BARRÍA ALVARADO 2023 (PANAMÁ)

Género: Novela

Premio: B/. 4.000, pergamino de honor, edición y 50 ejemplares

Abierto a: panameños por nacimiento, mayores de edad, residentes o no en el territorio nacional, y panameños por naturalización residentes en el país

Entidad convocante: Ministerio de Cultura

País de la entidad convocante: Panamá

Fecha de cierre: 17:08:2023



I CONCURSO LITERARIO "ANIVERSARIO DE RADIO VICTORIA" 2023 (CUBA)

Género: Cuento, poesía, guion

Premio: Realización y pago de los guiones ganadores, publicación en medio digitales y pago de derecho de autor

Abierto a: escritores cubanos radicados en la Isla

Entidad convocante: Radio Victoria

País de la entidad convocante: Cuba

Fecha de cierre: 18:08:2023



VI PREMIO INTERNACIONAL DE TRADUCCIÓN DE POESÍA DEL ITALIANO AL ESPAÑOL M'ILLUMINO / D'IMMENSO 2023 (MÉXICO)

Género: Traducción

Premio: 1.000 €, constancia de reconocimiento, membresía anual, estancia y publicación

Abierto a: sin restricciones por nacionalidad o residencia

Entidad convocante: Instituto Italiano de Cultura de la Ciudad de México, la Embajada de Suiza en México y el Laboratorio Trādūxit

País de la entidad convocante: México

Fecha de cierre: 20:08:2023



I PREMIO INTERNACIONAL DE TRADUCCIÓN DE POESÍA DEL ESPAÑOL AL ITALIANO M'ILLUMINO / D'IMMENSO 2023 (MÉXICO)

Género: Traducción

Premio: 1.000 €, constancia de reconocimiento y publicación

Abierto a: sin restricciones por nacionalidad o residencia

Entidad convocante: Instituto Italiano de Cultura de la Ciudad de México, la Embajada de Suiza en México y el Laboratorio Trādūxit

País de la entidad convocante: México

Fecha de cierre: 20:08:2023



**XIII CONCURSO "NATALICIO DE LA
POETISA NACIONAL ERMELINDA DÍAZ"
2023 (CHILE)**

Género: Poesía, ilustración, infantil y juvenil
Premio: Diploma de Honor y estímulo
Abierto a: sin restricciones por nacionalidad o residencia
Entidad convocante: Municipio Abierto de Quilpué
País de la entidad convocante: Chile
Fecha de cierre: 21:08:2023



**CONCURSO LITERARIO FONDO
EDITORIAL MUNICIPAL DE LA CIUDAD DE
RAFAELA 2023 (ARGENTINA)**

Género: Cuento, novela, ensayo, poesía, teatro
Premio: \$ 100.000, edición y 300 ejemplares
Abierto a: residentes en la ciudad de Rafaela, mayores de 18 años
Entidad convocante: Municipalidad de Rafaela
País de la entidad convocante: Argentina
Fecha de cierre: 25:08:2023



**XVII CONCURSO INTERNACIONAL DE
CUENTO CIUDAD DE PUPIALES 2023
(COLOMBIA)**

Género: Cuento
Premio: \$ 7.000.000 y diploma de honor
Abierto a: sin restricciones
Entidad convocante: Fundación Gabriel García Márquez
País de la entidad convocante: Colombia
Fecha de cierre: 30:08:2023



**PREMIO NACIONAL DE LITERATURA LUIS
RENTERÍA 2023 (PANAMÁ)**

Género: Ensayo
Premio: 3.000 dólares, edición y 100 ejemplares
Abierto a: panameños por nacimiento, residentes o no en el territorio nacional, y los panameños por naturalización residentes en el país, mayores de edad
Entidad convocante: Asociación de Futbolistas Profesionales de Panamá, la Asociación Panameña de Lupus y el Ministerio de Cultura
País de la entidad convocante: Panamá
Fecha de cierre: 30:08:2023



**CONCURSO LITERARIO NACIONAL DE
CUENTO Y POESÍA "HÉCTOR H. VIGNA"
2023 (ARGENTINA)**

Género: Cuento, poesía

Premio: Medalla, diploma, publicación en antología y 1 ejemplar

Abierto a: mayores de 18 años, residentes en el territorio nacional

Entidad convocante: SADE Filial De La Reconquista Ituzaingó

País de la entidad convocante: Argentina

Fecha de cierre: 30:08:2023



**XXI CONCURSO LITERARIO VIÑA JOVEN
(CUBA)**

Género: Relato, crónica

Premio: \$ 2.000 CUP

Abierto a: sin restricciones por nacionalidad o residencia

Entidad convocante: Centro Cultural y de Animación Misionera San Antonio María Claret

País de la entidad convocante: Cuba

Fecha de cierre: 31:08:2023



**V CONCURSO INTERNACIONAL "MIL
POEMAS POR LA PAZ DEL MUNDO"
(COLOMBIA)**

Género: Poesía

Premio: COP\$ 1.000.000

Abierto a: mayores de edad, sin restricciones por nacionalidad o residencia

Entidad convocante: Coordinador del grupo de Facebook, MIL POEMAS POR LA PAZ DEL MUNDO, la Fundación Plenilunio, y EscriturArte Editores

País de la entidad convocante: Colombia

Fecha de cierre: 31:08:2023



**42° CERTAMEN INTERNACIONAL DE
POESÍA "PLAZA DE LOS POETAS JOSÉ
PEDRONI" (ARGENTINA)**

Género: Poesía

Premio: Plaqueta, diploma de honor, publicación en antología y 2 ejemplares

Abierto a: sin restricciones

Entidad convocante: Asociación de Arte y Cultura de Acebal

País de la entidad convocante: Argentina

Fecha de cierre: 31:08:2023



**CONCURSO DE ENSAYO HISTÓRICO "40
AÑOS DE DEMOCRACIA ARGENTINA:
LOGROS Y DESAFÍOS DE NUESTRA
HISTORIA RECIENTE" 2023 (ARGENTINA)**

Género: Ensayo

Premio: \$ 360.000, diploma y edición

Abierto a: ciudadanos argentinos o extranjeros con domicilio en Argentina, mayores de 18 años

Entidad convocante: Dirección General de Cultura del Senado y la Dirección General de Cultura y Museo de la Cámara de Diputados

País de la entidad convocante: Argentina

Fecha de cierre: 31:08:2023



**2º CERTAMEN LITERARIO DE CUENTO Y
POESÍA SADE OESTE BONAERENSE
(ARGENTINA)**

Género: Cuento, poesía

Premio: Sin especificar

Abierto a: mayores de 18 años, residentes en el territorio argentino

Entidad convocante: Sociedad Argentina de Escritores (SADE) Filial del Oeste Bonaerense

País de la entidad convocante: Argentina

Fecha de cierre: 31:08:2023



**4º CONCURSO POÉTICO "CEZARINA DOS
SANTOS ÁLVAREZ" 2023 (URUGUAY)**

Género: Poesía

Premio: Medalla y vale para libros

Abierto a: entre 18 y 30 años, sin restricciones por nacionalidad o residencia

Entidad convocante: Movimiento Cultural "Cezarina Dos Santos Álvarez"

País de la entidad convocante: Uruguay

Fecha de cierre: 31:08:2023



**IX CONCURSO LITERARIO "GRANDES
AUTORES, RELATOS CORTOS"
(ARGENTINA)**

Género: Relato

Premio: \$ 270.000

Abierto a: clientes del Banco, mayores de 18 años

Entidad convocante: Banco Supervielle

País de la entidad convocante: Argentina

Fecha de cierre: 31:08:2023



XXIX PREMIO LITERARIO PORTUS PATRIS 2023 (CUBA)

Género: Relato

Premio: Diploma acreditativo, trofeo, libros y edición

Abierto a: escritores cubanos residentes en el país, menores de 35 años

Entidad convocante: Filial de la Asociación Hermanos Saíz (AHS) en Las Tunas

País de la entidad convocante: Cuba

Fecha de cierre: 31:08:2023



PREMIO DE DÉCIMA ESCRITA "LA MEJOR DÉCIMA DEL MUNDO" 2023 (CUBA)

Género: Décima

Premio: Obra escultórica, diploma, lote de libros y publicación

Abierto a: sin restricciones por nacionalidad o residencia

Entidad convocante: Grupo Cultural "Futuro", el Centro Cultural Lalita Curbelo Barberán, la Unión de escritores y Artistas de Cuba (UNEAC) y la Escuela holguinera de la décima

País de la entidad convocante: Cuba

Fecha de cierre: 01:09:2023



VIII PREMIO DE CUENTO SANTIAGO ANZOLA OMAÑA 2023 (VENEZUELA)

Género: Cuento

Premio: US\$ 800 y publicación

Abierto a: estudiantes, venezolanos o extranjeros residenciados en el país, de pregrado y postgrado inscritos en universidades venezolanas

Entidad convocante: Comité organizador Premio Santiago Anzola Omaña

País de la entidad convocante: Venezuela

Fecha de cierre: 01:09:2023



IX BIENAL DE NOVELA - PREMIO COPÉ (PERÚ)

Género: Novela

Premio: 50.000 soles, Trofeo Copé Oro, diploma de Honor y edición

Abierto a: peruanos residentes en el Perú o el extranjero, y ciudadanos extranjeros nacionalizados o residentes en el país, mayores de edad

Entidad convocante: Petroperú

País de la entidad convocante: Perú

Fecha de cierre: 01:09:2023



XXI BIENAL DE POESÍA - PREMIO COPÉ (PERÚ)

Género: Poesía

Premio: 25.000 soles, Trofeo Copé Oro, diploma de Honor y edición

Abierto a: peruanos residentes en el Perú o el extranjero, y ciudadanos extranjeros nacionalizados o residentes en el país, mayores de edad

Entidad convocante: Petroperú

País de la entidad convocante: Perú

Fecha de cierre: 01:09:2023



XXVII CONCURSO LITERARIO CIUDAD DEL CHE 2023 (CUBA)

Género: Poesía

Premio: \$ 5.000 MN y diploma acreditativo

Abierto a: escritores cubanos

Entidad convocante: Filial de escritores de la Uneac en Villa Clara

País de la entidad convocante: Cuba

Fecha de cierre: 08:09:2023



BECA CIUDAD DEL CHE 2023 (CUBA)

Género: Proyecto literario

Premio: \$ 12.000 MN y diploma acreditativo

Abierto a: escritores cubanos

Entidad convocante: Filial de escritores de la Uneac en Villa Clara

País de la entidad convocante: Cuba

Fecha de cierre: 08:09:2023



X CONCURSO DE RELATOS CORTOS Y CUENTOS "CUÉNTALE TU CUENTO A LA NOTA LATINA" 2023 (EE.UU.)

Género: Relato

Premio: Programa de coaching, Gift Card Visa de 100 dólares, certificado, entrevistas y publicación en antología

Abierto a: mayores de 18 años, residentes en los Estados Unidos

Entidad convocante: Revista digital La Nota Latina

País de la entidad convocante: EE.UU.

Fecha de cierre: 09:09:2023



**PRIMER CONCURSO DE CRÍTICA
ARTÍSTICA Y LITERARIA RAMIRO DUARTE
ESPINOSA 2023 (CUBA)**

Género: Ensayo, crítica literaria
Premio: \$ 15.000 MN y edición
Abierto a: escritores cubanos radicados en el país
Entidad convocante: Editorial Sanlope
País de la entidad convocante: Cuba
Fecha de cierre: 15:09:2023



**PREMIO ORIENTE JOSÉ ANTONIO
PORTUONDO DE ENSAYO ARTÍSTICO-
LITERARIO 2023 (CUBA)**

Género: Ensayo
Premio: \$ 20.000 CUP y edición
Abierto a: escritores cubanos residentes o no en el país
Entidad convocante: Editorial Oriente
País de la entidad convocante: Cuba
Fecha de cierre: 20:09:2023



**CONCURSO "MACONDOS DEL SIGLO XXI"
2023 (VENEZUELA)**

Género: Relato
Premio: Publicación
Abierto a: sin restricciones por nacionalidad o residencia
Entidad convocante: Fundación Universidad Hispana (FUNHI)
País de la entidad convocante: Venezuela
Fecha de cierre: 30:09:2023



**CONCURSO PERIODÍSTICO LITERARIO Y
POÉTICO "NOTAS MIGRATORIAS CÉSAR
VALLEJO" 2023 (VENEZUELA)**

Género: Reportaje, relato, poesía
Premio: Sin especificar
Abierto a: sin restricciones por nacionalidad o residencia
Entidad convocante: Fundación Universidad Hispana (FUNHI)
País de la entidad convocante: Venezuela
Fecha de cierre: 30:09:2023



**9º CONCURSO LITERARIO
INTERNACIONAL DE POESÍA Y NARRATIVA
BREVE "JUAN PEDRO LÓPEZ" (URUGUAY)**

Género: Poesía, relato

Premio: Trofeo y diploma

Abierto a: mayores de 16 años

Entidad convocante: Comisión Directiva de la "Esquina Cultural La Paz-Canelones-Uruguay" y Movimento de União Cultural-Taubaté-Brasil

País de la entidad convocante: Uruguay

Fecha de cierre: 30:09:2023



**SEXTA CONVOCATORIA DE TEXTOS
TEATRALES "HERNÁN GAIBOR
MALDONADO" 2023 (ECUADOR)**

Género: Teatro

Premio: Sin especificar

Abierto a: escritores ecuatorianos residentes dentro o fuera del país, mayores de edad

Entidad convocante: Corporación Profesional de Artes Escénicas

País de la entidad convocante: Ecuador

Fecha de cierre: 30:09:2023



**CONVOCATORIA PARA EL TOMO 5 DE LA
REVISTA VIRTUAL QUIMERA
(COSTA RICA)**

Género: Relato, poesía, reseña, ensayo, ilustración

Premio: Publicación

Abierto a: sin restricciones

Entidad convocante: Revista Virtual Quimera

País de la entidad convocante: Costa Rica

Fecha de cierre: 30:09:2023



**CONCURSO LITERARIO "RELATOS SOBRE
LA VUELTA A LA DEMOCRACIA"
(ARGENTINA)**

Género: Relato

Premio: \$ 150.000, publicación en antología y 5 ejemplares

Abierto a: nativo de una provincia del NOA residentes en la jurisdicción provincial y residentes del NOA no nativos en la jurisdicción provincial

Entidad convocante: Ente Cultural de Tucumán

País de la entidad convocante: Argentina

Fecha de cierre: 30:09:2023



I PREMIO AGUACERO DE POESÍA JOVEN ARGENTINA (ARGENTINA)

Género: Poesía

Premio: Edición y 25 ejemplares

Abierto a: autores de cualquier punto de la República Argentina que tengan como máximo 35 años

Entidad convocante: Aguacero Ediciones

País de la entidad convocante: Argentina

Fecha de cierre: 30:09:2023



XXVII CONCURSO LITERARIO NACIONAL "SERAFIN J. GARCÍA" (URUGUAY)

Género: Cuento, poesía

Premio: \$ 5.000, diploma y publicación

Abierto a: ciudadanos uruguayos, mayores de 15 años

Entidad convocante: Biblioteca Municipal Serafín J García

País de la entidad convocante: Uruguay

Fecha de cierre: 10:10:2023



PREMIO DE LITERATURA EN ESPAÑOL ERNEST M. HEMINGWAY 2023 (EE.UU.)

Género: Obra publicada

Premio: Diploma y trofeo

Abierto a: escritores de ámbito nacional e internacional propuestos por cualquier institución, organización, academia, e intelectuales independientes

Entidad convocante: Movimiento Literario e Histórico Internacional Ernest M. Hemingway (MLHIEH)

País de la entidad convocante: EE.UU.

Fecha de cierre: 15:10:2023



CONCURSO LITERARIO BIBLIOTECA POPULAR DEL PARANÁ 2023 (ARGENTINA)

Género: Cuento, infantil y juvenil

Premio: Diploma, publicación en antología y 10 ejemplares

Abierto a: sin restricciones por nacionalidad o residencia

Entidad convocante: Biblioteca Popular del Paraná

País de la entidad convocante: Argentina

Fecha de cierre: 16:10:2023

ANGEL'SWORD EDICIONES DIGITALES



**SOMOS UNA EDITORIAL
DIGITAL INDEPENDIENTE**

**LLEGAMOS PARA REVOLUCIONAR
EL MUNDO LITERARIO.**

WWW.ANGELSWORDEDICIONES.COM